

INVESTIGAÇÕES SOBRE UM INVENTÁRIO DE 1828

Eduardo Frederico Runte Junior

2013



INVESTIGAÇÕES SOBRE UM INVENTÁRIO DE 1828

“Claro está que o método de exposição deve distinguir-se formalmente do método de investigação. A investigação há de tender a analisar suas diversas formas de desenvolvimento e a descobrir seus nexos internos. Somente depois de terminado este trabalho pode o investigador proceder à exposição adequada do movimento real.”

Marx em seu Posfácio de 1873 de “O Capital”.

INTRODUÇÃO

Estava eu com minha esposa passando férias em Lisboa e resolvemos ir à famosa Feira da Ladra. A Feira da Ladra é um “mercado das pulgas” semelhante a tantos outros existentes mundo afora como o Mercado de Santelmo, em Buenos Aires, o “Marche aux Puce”, em Paris, ou mesmo a nossa feirinha de antiguidades, aos sábados, na Praça Marechal Âncora, no Rio de Janeiro. Nessas feiras encontramos de tudo: coisa nova, coisa velha, moedas, selos, roupas, móveis, louça, objetos de decoração e de uso doméstico, ferramentas, sapatos, discos, bengalas, figurinhas, etc.

Meu interesse, sobretudo em viagem, é “garimpar” papéis antigos para minha coleção, e assim sendo, busquei encontrar barracas que pudessem vendê-los. Para minha surpresa e alegria encontrei um belíssimo inventário.

Considerei um “achado” fantástico, pois o mesmo, mesmo sendo de 1828, estava em perfeitas condições, sem dobras significativas, com todos os selos, com legível e bela caligrafia, e o que foi o melhor, sonho de qualquer brasileiro “catador” de papéis velhos em viagem, o documento se referia ao Brasil; era o inventário de um viúvo, proprietário de um antigo engenho de açúcar em Recife, PE.

Claro está que comprei o documento, mas por algumas circunstâncias imprevistas, a começar pela falta de tempo, não pude me dedicar a estudá-lo, coisa que só agora o fiz.

COLECIONISMO

Abro um parêntesis para comentar um pouco sobre esse estranho hábito de colecionar, que têm algumas pessoas. É uma mania que normalmente vem desde a infância, onde algumas crianças já guardavam bolinhas de gude (lembram-se delas?), guardavam os carrinhos, ou as bonecas, moedas, selos, figurinhas e tudo o mais. Ao crescerem começam a guardar outras coisas, e os objetos de seu interesse variam com suas posses e sua disponibilidade de espaço.

Existem colecionadores de tudo: de carros antigos, de pintura, de porcelanas, marfins, relógios de parede e de pulso, cartões postais e coleções exóticas como invólucros de maços de cigarros, latas de biscoito, ex-libris, selos de hotéis para malas, “bolachas” de chopp, guardanapos de bares, etc. É inacreditável o número de tipos de objetos colecionáveis. Certa vez, pediram ao conhecido colecionador, o Dr. Pedroso¹, que relacionasse suas coleções e ele encheu quase duas folhas somente com a lista de títulos e coleções, e no fim disse: “só não coleciono moedas e selos”.

O que leva um indivíduo a colecionar? Tenho conversado com diversos colecionadores, sobretudo me auto analisando, e concluí que as motivações são várias: existe a vaidade de ter objetos que poucos possuem, existe a satisfação do desejo de posse, a compulsão de completar uma determinada série de objetos, e, em alguns casos, a avareza de possuir coisas de valor, etc. Além desses fatores, em geral o colecionador tem interesse em conhecer, e mesmo estudar, o objeto de sua coleção; assim um colecionador de pintura normalmente estuda e conhece os estilos de pintura, os pintores, suas vidas, o tema de suas obras, onde viveram, e tudo mais. Colecionadores de móveis, além de entenderem de seus estilos, muitas vezes se tornam exímios conhecedores das técnicas de sua fabricação, das madeiras usadas, dos fabricantes dos móveis e assim por diante.

Alguns, e são muitos, colecionam por saudosismo, querem encontrar objetos semelhantes aos de sua infância ou juventude ou dos quais ouviam seus pais falarem. Assim temos colecionadores de brinquedos, de carrinhos, de bonecas. Conheci uma vez um senhor que me disse que comprava qualquer coisa “coleccionável” desde que fosse brasileira e fabricada após seu nascimento. Outros agem como verdadeiros caçadores que passam anos à procura de um determinado objeto, que pode ser um livro, uma obra de determinado autor ou mesmo uma simples “figurinha” de um álbum. Tenho um amigo que há anos procura um “relógio” de bonde, nos quais o cobrador registrava as passagens pagas, e que emitiam um som característico para que todos, inclusive o motorneiro, pudessem saber que as passagens estavam sendo registradas.

No meu caso, me encantam os papéis antigos, as fotografias, os recibos, os cadernos escolares, os autógrafos, os diplomas de mérito, os documentos assinados pelos presidentes e ministros do passado. Ao adquirir uma peça, o interessante é o estudo que dela se faz e de seu contexto. Ao encontrar um documento com as armas da república, oriundo da presidência do

¹ O Dr. Roberto Pedroso era médico, no Rio de Janeiro. Uma excelente pessoa. Faleceu em 2007. Na Associação Filatélica e Numismática de Brasília era conhecido como o “médico das 1001 coleções”.

Brasil, cabe logo estudar quem foi o presidente que o assinou, qual foi o ministro que o subscreveu, quais suas biografias, em que época governaram. Quando encontro uma foto de um jantar me vem logo à mente descobrir quem eram os personagens, o que comemoravam, quando e onde foi o evento. Voltando ao Dr. Pedroso: disse-me ele uma vez que, como colecionava “estampas Eucalol”, que encantavam os colecionadores da década de 50, e até hoje tem quem as colecionem, procurou conhecer os desenhistas das mesmas e os desenhos originais. É claro que conseguiu comprar uns desenhos e iniciou assim uma nova coleção.

Defendo, e sempre que possível divulgo, o hábito de colecionar, pois é um hábito, que contrariando a famosa música, é bom, mas não engorda, não faz mal e nem é pecado. Que me perdoe o rei Roberto. Por outro lado, muitos dos objetos que hoje são lúdica e inocentemente guardados, serão peças dos museus do futuro.

Mas, voltando ao achado. Esse documento que achei na Feira da Ladra me despertou o desejo de estudar as circunstâncias do período de seu acontecimento, afinal aquele era um documento representativo de um pequeno período da história do Brasil. Falava de escravos e de seus valores, de um engenho, de joias, de imóveis, tudo razoavelmente descrito, quantificado, precificado. E, é claro, me veio à cabeça pesquisar um pouco sobre a evolução da produção de açúcar, do preço dos escravos, dos tipos de engenho, dos valores do ouro e da prata e de tantas coisas que aquele papel me permitia vislumbrar.

Estudei um pouco essas coisas e as repassei, tentando agrupá-las dentro de capítulos mais ou menos isolados para facilitar a exposição, e ao final tentar concluir algo dessa aventura de um colecionador metido a estudioso de história. O inventário é um documento extenso, com 39 páginas.

A RAZÃO DOS ENGENHOS DE AÇÚCAR NO BRASIL

Quando o Brasil foi descoberto em 1500, Portugal não deu maior importância a esse acontecimento. Atravessava uma fase de problemas com a Espanha e de problemas econômicos, uma vez que o comércio com as Índias estava ficando cada vez mais difícil e caro, sobretudo com o avanço dos turcos que haviam se assenhoreado de Constantinopla e dominavam boa parte do mediterrâneo. O que interessava mesmo a Portugal era descobrir um caminho marítimo para as Índias, exterior ao Mediterrâneo.

Durante mais de três décadas Portugal deixou o Brasil de lado. Tão somente arrendou a exploração do pau brasil.

Entretanto, por volta de 1535, Portugal percebeu que se não tomasse conta das novas terras, outros estados as invadiriam, pois a “divisão” do mundo entre Portugal e Espanha, pelo tratado de Tordesilhas, só era respeitada se as terras fossem colonizadas e mesmo defendidas. Portugal, com o objetivo de defender a terra do Brasil e ao mesmo tempo constituir um negócio de grande rentabilidade, optou pela produção e comercialização do açúcar. Na época, o açúcar era um item de elevado preço, quase uma “especiaria”; nossas terras tinham o solo e o clima apropriados, as áreas para cultivo eram abundantes, a lenha necessária para o cozimento do caldo da cana havia também em profusão. Portugal possuía as técnicas da produção do açúcar, pois o produzia com bons resultados em suas colônias insulares.

O problema maior era o da mão de obra, que veio a ser resolvido com a adoção da mão de obra escrava, que se tornou outro grande negócio, pois os escravos eram comprados aos africanos em troca de produtos de manufatura portuguesa.

A coroa ganhava com as taxas cobradas no comércio escravista, no comércio do açúcar, na venda de suas manufaturas, na produção de navios para o transporte, e os colonizadores que recebiam as terras para implantar seus engenhos e a cultura da cana tinham também o dever de participar da defesa da terra.

Assim começou a colonização do Brasil e o negócio do açúcar foi o mais importante no início. A produção agrícola era monocultural, em grandes extensões territoriais, com mão de obra escrava. Havia acumulação de capitais na metrópole e pouco desenvolvimento na colônia. A venda e consumo do produzido na colônia ocorriam na Europa.

Essa situação perdurou até a independência do Brasil, embora com as variações decorrentes da lucratividade do açúcar e surgimento de outros negócios que foram tratados de forma semelhante durante a fase de colonização, como por exemplo, a extração de metais e pedras preciosas.

Feita a independência em 1822, a produção de açúcar para o mercado europeu continuou, e aí chegamos à data de nosso documento, 1828. É esse o período sobre o qual teço algumas considerações.

UM ENGENHO DE AÇÚCAR

Como veremos adiante, dentre os bens do viúvo e sua família, havia um engenho, o engenho do Brum. Cabe estudarmos um pouco sobre essa instituição, que foi tão importante na formação de nosso país, o “engenho”.

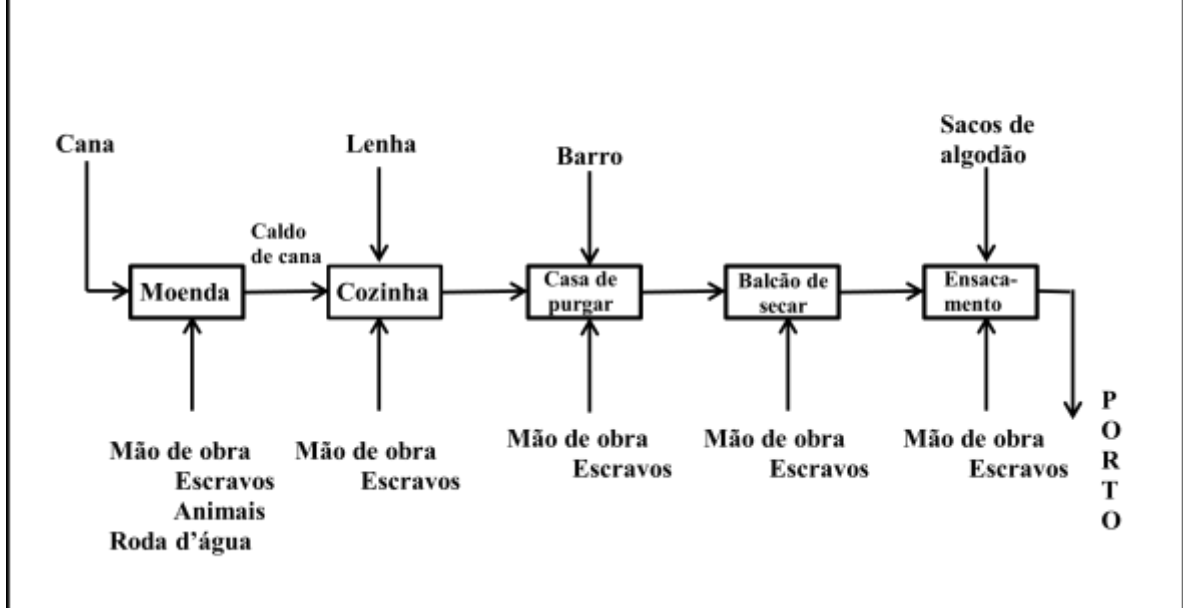
De modo simplista um engenho é um conjunto de instalações destinado a produzir açúcar a partir da cana, porém, quando analisamos de um modo mais amplo, veremos que um engenho abrange, além de instalações, um conjunto de processos diversos, que envolvia muitas pessoas, que tinham suas vidas próximas e constituíam uma verdadeira comunidade.

É necessário compreender que o engenho é necessariamente grande para ser viável economicamente, e, portanto, exige para seu funcionamento uma produção contínua ou o mais contínua possível de cana de açúcar, a obtenção de lenha para alimentar as caldeiras para o cozimento do caldo da cana, e aí lembramos que as fornalhas trabalhavam ininterruptamente para que não houvesse perda de calor e não interromper o processo de fabricação. Outro processo integrante à produção de açúcar era o de transporte: o transporte da cana, dos canaviais até o engenho, feito habitualmente em carroças tracionadas por bois; o transporte de lenha das matas até o engenho; o transporte de barro que era também usado no processo. Em alguns engenhos o transporte desses insumos era também feito em balsas, utilizando-se os rios da região e finalmente o transporte do açúcar até o porto próximo, para seu embarque rumo à Europa.

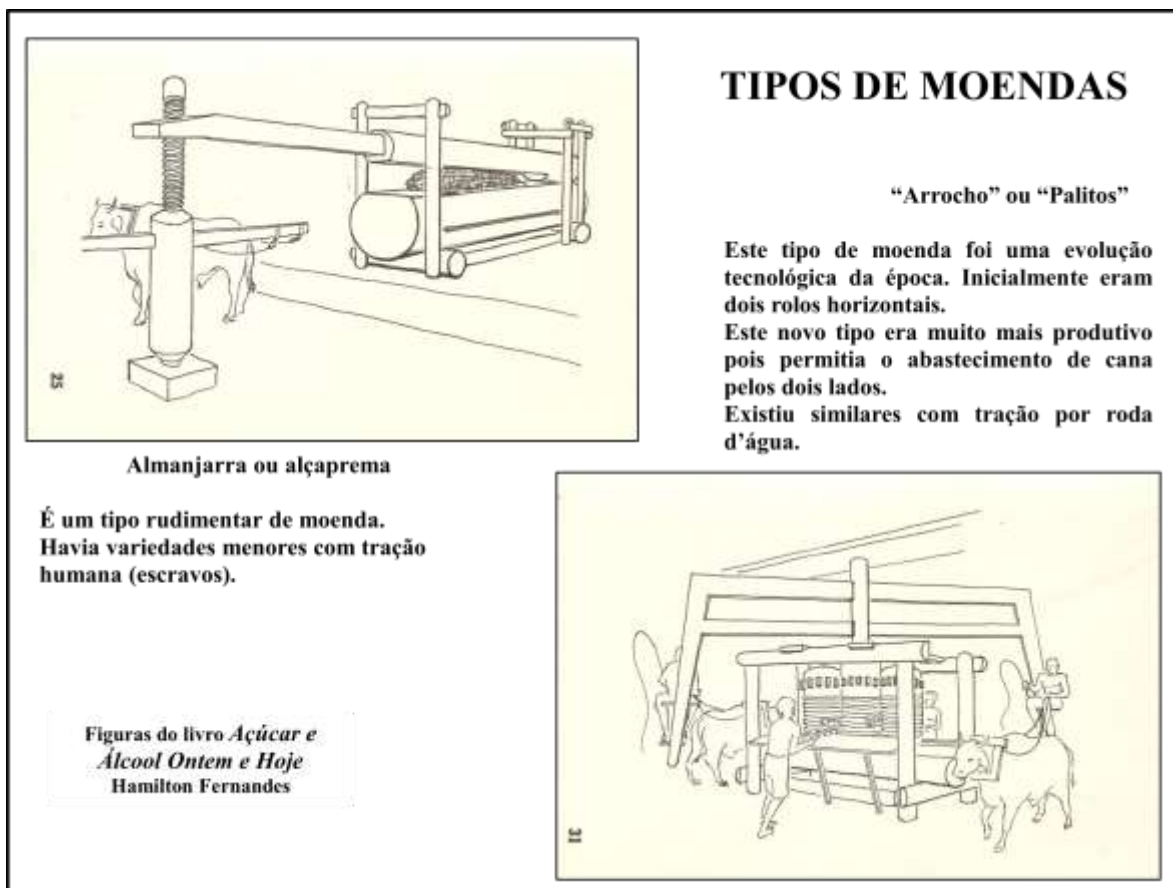
Havia ainda os processos de moagem da cana, a “purga” que consistia em transformar o “melado” escuro em açúcar claro, o que ocorria nas formas próprias. O engenho, assim, possuía uma estrutura como apresento adiante, de forma simplificada.

Devo esclarecer que o processo de produção do açúcar pouco evoluiu desde seu início nos primórdios da colonização até a época em que ora nos ocupamos; não houve grande preocupação com a produtividade, pois havia terras em abundância, a mão de obra, sobretudo no começo, era muito barata (escravos), a demanda assegurada, etc. Na realidade ocorreu alguma evolução na moagem da cana, desde as primitivas almanjarras até os sistemas de rolos verticais de moagem, acionados por força hidráulica. Houve também evolução na embalagem do açúcar, que a princípio era feita em caixotes de madeira, de custo elevado, e, depois, passou a ser em sacos de algodão.

A ESTRUTURA COMUM DE UM ENGENHO



Todo o processo era conduzido por um feitor geral que inicialmente era um europeu especializado que trabalhava com um feitor pequeno na cozinha e um mestre de açúcar na casa de purgar. Com o correr do tempo, com a tecnologia já dominada, passaram a usar escravos, como feitores e mestres.



TIPOS DE MOENDAS

“Arrocho” ou “Palitos”

Este tipo de moenda foi uma evolução tecnológica da época. Inicialmente eram dois rolos horizontais.

Este novo tipo era muito mais produtivo pois permitia o abastecimento de cana pelos dois lados.

Existiu similares com tração por roda d’água.

Almanjarra ou alçaprema

É um tipo rudimentar de moenda. Havia variedades menores com tração humana (escravos).

Figuras do livro *Açúcar e Alcool Ontem e Hoje*
Hamilton Fernandes

As responsabilidades de um senhor de engenho eram grandes, dado o vulto e a complexidade das instalações. Dentre essas responsabilidades podemos mencionar: prover diariamente uma grande quantidade de cana necessária ao funcionamento ininterrupto do engenho. A cana era produzida em parte pelos senhores de engenho, que habitualmente também tinham terras e plantavam cana, e parte era comprada de lavradores próximos; evitar a propagação de pragas própria à cultura da cana; prover uma grande quantidade de lenha para manter o fogo das fornalhas que cozinhavam o caldo de cana; prover o barro necessário à clarificação do açúcar; articular o transporte desses insumos e do açúcar ao porto; prover a mão de obra, que consistia na compra de escravos, promover a alimentação da grande quantidade de escravos que havia nos engenhos. Esclareço que além dos escravos havia também os “trabalhadores livres” que cumpriam determinadas atividades específicas, como o “cirurgião” que cuidava dos negros; o “caixeiro da cidade” (agente comercial); o “solicitador” (espécie de procurador). Além disso, era responsabilidade do senhor de engenho preservar a ordem e a disciplina, inclusive ordenando punições; facilitar o trabalho dos catequizadores, pagar os impostos devidos pela produção do açúcar, etc.

Abro um parêntesis para comentar um fato: é crença comum que os senhores de engenho, de modo geral, eram prósperos, desfrutavam de vida confortável e despreocupada; a multiplicidade de responsabilidades que acima expus parece-me que põe um pouco em dúvida essa assertiva; quanto à rentabilidade dos engenhos, prefiro transcrever um trecho do livro Segredos Internos, de SCHUARTZ, Stuart B., que diz, à página 93:

“Para cada família como a dos Calmon ou os Costa Pinto², que construíram, sustentaram e conservaram suas propriedades e sua posição social, houve cinco ou dez que fracassaram ou gozaram de sucesso apenas momentâneo. Os engenhos mudavam de mãos rapidamente; uma má colheita, a chegada tardia de uma frota, uma guerra europeia podiam acarretar um desastre. A indústria açucareira não era um investimento seguro, e não faltavam aspirantes a senhor de engenho que fracassavam por pretender demais.”

A multiplicidade de responsabilidades aliada à extensão da propriedade do senhor de engenho acabou por produzir em torno do engenho uma vida comunitária, com características bem marcadas.

Era uma sociedade estratificada onde o senhor de engenho ocupava o ápice da pirâmide social, todos dependiam dele, inclusive os trabalhadores livres. Na base da pirâmide ficava a grande quantidade de escravos.

O escravismo forjou uma personalidade social própria e marcou o cotidiano em todos seus momentos. Nada se fazia sem os escravos. Além do trabalho nos engenhos, os escravos serviam para o transporte em liteiras e cadeirinhas, para auxiliar no comer, no vestir, para recados, para brincar, para ama de leite, e tudo mais. Grande parte dos colonos possuía pelo menos um escravo. Até as famílias mais pobres o tinha e este muitas vezes garantia o sustento familiar.

A análise do inventário que temos em mãos nos confirma essas informações da literatura que dispomos sobre escravos; é relacionada uma grande quantidade de escravos em serviços domésticos, alugados e em serviços de terceiros.

² Essas duas famílias que SCHUARTZ utiliza como exemplo eram proprietárias de muitos e bem sucedidos engenhos na Bahia.

BREVE ANÁLISE DO DOCUMENTO

Trata-se do inventário de bens do casal Joaquim José de Miranda e Anna Joaquina Carneiro da Cunha de Miranda, falecida em 18 de fevereiro de 1826, falecimento que deu motivo ao inventário.

O documento relaciona os filhos do casal e respectivos cônjuges, quais sejam: Anna Joaquina de Miranda Brito, casada com Francisco Barbosa de Brito; Maria das Neves de Miranda Cunha, casada com Joaquim Pereira da Cunha; Joaquim José de Miranda Júnior; Bernardo Antonio de Miranda, casado com Marta Júlia de Miranda e Francisco Xavier de Miranda.

O inventário contém também o formal de partilha, embora nele só se discrimine a parte de quatro co-herdeiros, que ficou cada um deles com um quinto da metade dos bens. Ao Sr. Joaquim José, cabeça do casal, tocou a metade dos bens e a outra metade ficou dividida igualmente entre os cinco filhos.

O conjunto dos papéis amarrados em um bloco de vinte e sete folhas com trinta e nove páginas escritas, não tem timbre ou cabeçalho de nenhum notário, sendo que nas folhas do inventário e de algumas das relações anexas existe um carimbo seco indicando o pagamento de uma taxa de 40 réis. Nesse carimbo existe o dístico “CAUZA PUBLICA” e o escudo de Portugal. Em algumas das relações existe também um carimbo com tinta preta, com a mesma legenda e escudo, sem indicar, porém, o pagamento de taxa.

O inventário não possui data, mas sim as relações de bens, anexas.

Conteúdo:

-Inventário propriamente dito, com seis páginas, sem data, porém mencionando o falecimento de dona Anna Joaquina Carneiro da Cunha de Miranda, em 25 de fevereiro de 1826.

-Uma relação e avaliação dos “trastes” (joias, móveis, louças, etc.) da casa de Joaquim José de Miranda, de 25 de fevereiro de 1829. Três páginas.

-Relação de peças de prata, com avaliação, de 1828. Uma página.

-Relação de peças de brilhantes e diamantes, de 1828. Uma página.

-Relação de bens da casa. Uma página.

-Avaliação do engenho do Brum e sua fábrica, incluindo a descrição sucinta dos bens, animais e escravos, de 25 de fevereiro de 1829. Três páginas.

-Avaliação das terras da fazenda da Cassatuba (sic) e seus escravos. 1828. Duas páginas.

-Avaliação das casas e sítios. 15 de março de 1828. Traslado em Lisboa em 1829. Quatro páginas.

-Relação de escravos da Capatazia da Alfândega de Pernambuco. 25 de fevereiro de 1829. Quatro páginas.

-Relação de escravas da Casa Grande do Recife. 1828. Uma página.

-Relação de escravas de semana na Casa Grande do Recife. 1828. Uma página.

-Relação de dívidas e devedores. Dívidas consideradas bem paradas. 1828. Quatro páginas.

-Relação de dívidas e devedores. Dívidas consideradas perdidas ou mau paradas. 1828. Duas páginas.

-Procuração por instrumento público para Bernardo Antonio Miranda e sua mulher Martha Júlia de Miranda para Joaquim José de Miranda para tratar do inventário e partilha. 28 de outubro de 1828. Três páginas.

-Resumo dos bens do casal e formal de partilha. Três páginas.

Inventário de todos os bens a cargo de Joaquim José de Miranda
 por falecimento de sua Mãe D. Anna Joaquina Carneira da
 Cunha de Miranda, moradas que foram na Cid. do Recife de
 São Paulo em 18 de Janeiro em 18 de Janeiro de 1826 -
 sendo inventariante em São Paulo Joaquim José de Miranda
 e por seu bastante Procurador Afonso Joaquin Carneira da Cunha
 e fixado o mesmo Inventário nesta Cid. de Lisboa com assis-
 tencia dos Eschecedores maiores abaixo assignados e com o ^{mo} Sr.
 Cabelo de Caral a vista das competentes avaliações

Filhos herdeiros

D. Anna Joaquina de Miranda e Brito Carada com Francisco
 Barboza de Brito

D. Maria das Neves de Miranda e Cunha Carada com Joaquim
 Carneira da Cunha

Joaquim José de Miranda Junior
 Bernardo Antonio de Miranda, Carada com D. Marta Julia
 de Miranda

Francisco Xavier de Miranda

Curo em Sanambuco

Importe de varias obras a cur. avaliadas com fundat. N.º 253,380

Obras de sidras

Idem... que consta da... mesma relação, = 284,650

Móveis

Idem... que consta da... mesma relação, = 597,400

Louca

Idem... que consta da... mesma relação, = 54,000

Prata em Lisboa

Idem... que consta da... relação N.º 2, = 1.308,199

2.554,629

Vis. tenia

RESUMO DOS BENS RELACIONADOS NO INVENTÁRIO E SEUS VALORES

RESUMO DOS VALORES DO INVENTÁRIO (Em 1000 réis)			
	DISCRIMINAÇÃO	VALOR	SUBTOTAL
Ouro, prata e pedras preciosas			
	Ouro em Pernambuco	253\$380	
	Obras de pedras	281\$650	
	Prata em Lisboa	1:368\$199	
	Brilhantes em Lisboa	2:888\$000	4:791\$229
Móveis e louças			
	Móveis	597\$400	
	Louça	54\$000	
	Móveis e louça em Lisboa	436\$400	1:087\$800
Bens de raiz em Pernambuco			
Engenho do Brum	Terras, matas, casa de vivenda, casa de farinha, casa de engenho, casa de caldeira, casa de purgar, olaria e forno, igreja, senzala, taxas e sobressalentes.		28:000\$000
Fazenda de plantar algodão (Fazenda Cassaratuba)			1:100\$000
Sítios e casas			
	Propriedade de casa de três andares, na Rua do Trapiche.	5:000\$000	
	Idem, na Rua das Cruzes.	5:500\$000	
	Idem, de dois andares, na Rua do Livramento.	6:000\$000	
	Idem, na Rua do Rosário.	4:800\$000	
	Idem, de um andar, no Largo do Livramento.	2:400\$000	
	Idem, na Rua Nova.	2:000\$000	
	Idem, na Rua do Padre Floriano.	400\$000	
	Pedaço de terra no Caxangá.	450\$000	
	Sítio com árvores de fruto, casa e capela no Barbalho.	1:950\$000	
	Sítio, em Barra das Jangadas, Praia das Candeias	380\$000	
	Sítio para criar gado, em Itabaiana, Paraíba.	200\$000	
	Sítio em Caxangá.	100\$000	
	Uma casa na Rua da Vinha.	1:200\$000	30:380\$000
Gado em Pernambuco.			
	47 bois.	940\$000	
	52 bestas de roda.	1:040\$000	1:980\$000
Escravos.			
	66 escravos do serviço do engenho.	11:920\$000	

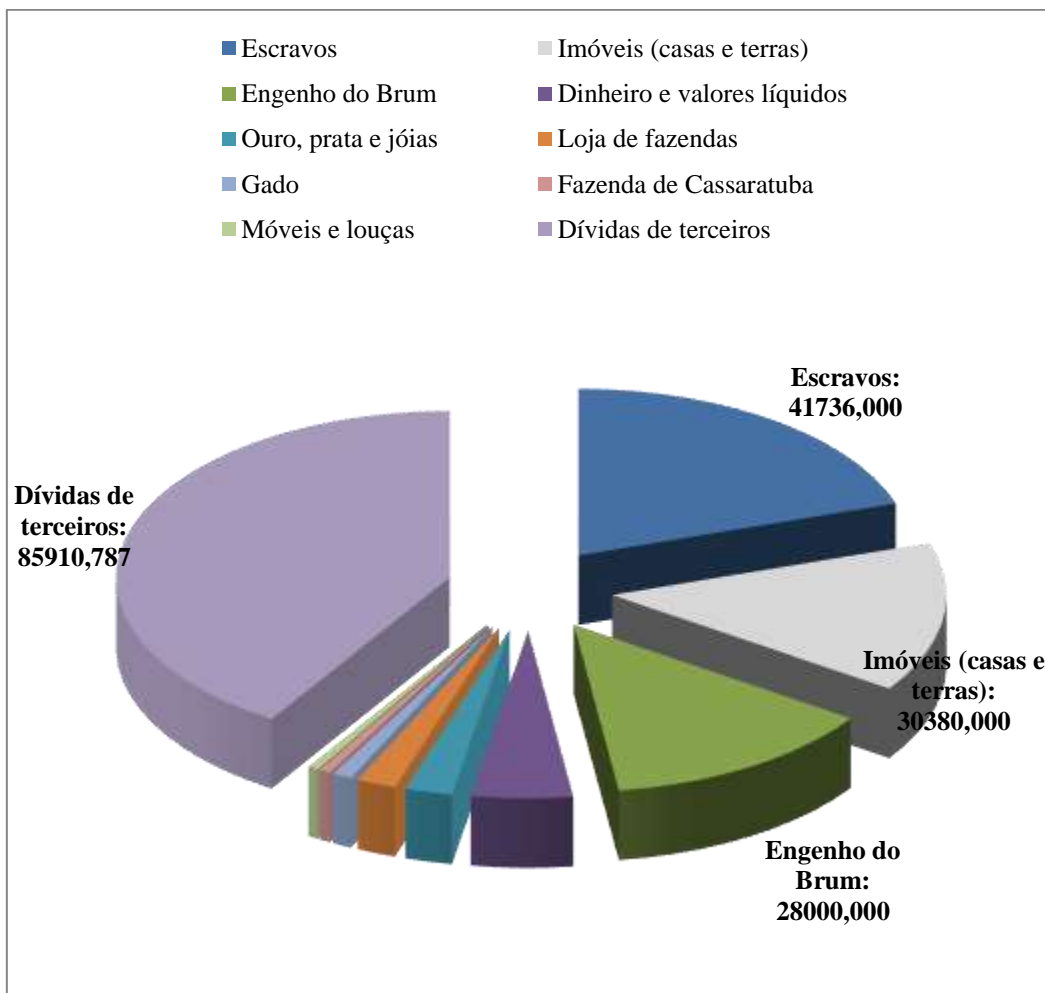
	29 escravos e 14 crias no engenho, sem pertencer à fábrica.	4:150\$000	
	7 escravos inválidos, sem valor.	0	
	3 escravos em poder do filho José Bernardo.	500\$000	
	3 escravos na instalação de água do engenho.	600\$000	
	2 escravos em poder do filho Joaquim.	380\$000	
	15 escravos e 5 crias na fazenda de algodão, Cassaratuba.	2:542\$000	
	97 escravos no serviço de capatazia da alfândega de Pernambuco.	16:180\$000	
	27 escravos no Recife, alugados e empregados em serviços diversos.	4:040\$000	
	9 escravas na Casa Grande do Recife.	1:424\$000	41:736\$000
	Resumo: 251 escravos úteis, 7 escravos inválidos e 19 crias.	Valor médio do escravo, excluindo-se os inválidos e as crias: 166\$279	
Participação em loja de fazendas, em Pernambuco.			4:000\$000
Dinheiro e valores a receber, certos.			
	Uma letra, considerada dinheiro em caixa.	4:060\$000	
	Dinheiro a receber por 14 fardos de algodão.	355\$000	
	Dinheiro em caixa.	5:557\$032	
	Título da Dívida Pública.	308\$600	10:281\$137
Adiantamento da legítima materna			
	Francisco Barbosa de Brito.	8:000\$000	
	Joaquim Pereira da Cunha.	8:844\$500	
	Bernardo Antonio de Miranda.	4:100\$000	
	Joaquim José de Miranda Junior.	6:679\$000	27:624\$206
Despesas e rendimentos devidos ao cabeça do casal (a deduzir da massa sólida)			4:035\$706
Dívidas de terceiros com o casal.			
	Dívidas consideradas sólidas.	64:091\$736	
	Dívidas perdidas ou mau paradas.	21:819\$051	85:910\$787
		TOTAL	232:855\$453

RESUMO CONDENSADO DOS VALORES DO INVENTÁRIO

RESUMO CONDENSADO REFERIDO A DATA DO LEVANTAMENTO DOS BENS EM 1826, EXCLUINDO-SE OS ADIANTAMENTOS DA LEGÍTIMA E RENDIMENTOS E DESPESAS POSTERIORES À MORTE DA SRA, ANNA	
ITEM	VALOR
Dívidas de terceiros	85:910\$787
Escravos	41:736\$000
Ouro, prata e jóias	4:791\$229
Loja de fazendas	4:000\$000
Imóveis (casas e terras)	30:380\$000
Engenho do Brum	28:000\$000
Dinheiro e valores líquidos	10:281\$137
Gado	1:980\$000
Fazenda de Cassaratuba	1:100\$000
Móveis e louças	1:087\$800
TOTAL	209:266\$953

Observamos que grande parte (41%) dos bens da família consistia em dívidas. Provavelmente oriundas de açúcar a ser pago, aluguéis, etc.

Podemos observar ainda que os escravos representavam uma parcela substancial dos bens da família. Valiam inclusive mais que o engenho e suas terras.



AS MOEDAS EM USO NO BRASIL NA ÉPOCA DO INVENTÁRIO

Logo após a emancipação do Brasil, o Imperador Pedro I fez cunhar a moeda própria do Brasil.

Foram cunhadas moedas de ouro, prata e cobre, de valor e peso semelhantes aos das moedas em curso, porém com novos desenhos. As moedas que existiam continuaram a circular, em paralelo com as novas.

O padrão era o “réis” e as moedas de maior valor eram a “dobra de quatro escudos”, 6\$400 (seis mil e quatrocentos réis), de ouro, a “moeda”, 4\$000 (quatro mil réis), também de ouro e a “três patacas”, de prata. As demais moedas tinham valores menores.

É interessante conhecermos as moedas da época para podermos aquilatar melhor os valores constantes do inventário.



ATUALIZAÇÃO DOS VALORES DO INVENTÁRIO

Para apreciarmos os valores dos bens relacionados no inventário, usaremos o critério de converter os valores em réis para gramas de ouro.

Ao adotar este critério, nos defrontamos com o seguinte dilema: a moeda de ouro de valor 4\$000 (quatro mil réis) pesava 8,06 gramas, sendo 0,917 seu título, donde podemos calcular que 1\$000 equivaliam na época a 1,85 gramas de ouro fino amoadado; todavia, se fizermos o mesmo cálculo com a moeda de 6\$400 (seis mil e quatrocentos réis) chegaremos ao valor de 2,05 gramas por mil réis. Roberto Simonsen, em seu livro *História Econômica do Brasil*, apresenta uma tabela sobre quantidades e valores de açúcar e fornece o valor de conversão 1,75 g para 1\$000³ réis.

Claro está que o valor do ouro amoadado é maior que o ouro comercial, uma vez que na moeda os impostos já foram cobrados e nela temos embutidos os custos de fabricação, reposição, etc.

Assim sendo, parece-me mais próximo da realidade considerar, para atualização dos valores monetários encontrados no inventário, o fator apresentado por Simonsen, ou seja, 1\$000 réis correspondem a 1,75 gramas de ouro.

Como o valor dos bens mencionados no inventário é 232:855\$453, podemos calcular sua equivalência a 407,5 quilogramas de ouro.

Ora, atualmente⁴ o ouro vale R\$92,77 a grama, donde calculamos que em termos atuais os bens do casal equivaliam a aproximadamente R\$37,9 milhões, segundo os critérios adotados.

³ Tabela seguinte à página 170 do livro mencionado.

⁴ Valor do ouro em 31 de dezembro de 2013 com base nas informações do *Jornal O Globo*.

ESCRAVISMO, ESCRAVOS, PREÇOS DE ESCRAVOS.

A utilização de mão de obra negra, escrava, no Brasil iniciou-se nos primórdios da colonização.

Os escravos vieram de diversas regiões da África. Eram trazidos em navios, em longas e dispendiosas viagens.

Uma viagem de Angola a Pernambuco levava cerca de 35 dias, à Bahia 40 dias e ao Rio, 50 dias⁵. Todavia, se houvesse calma essa viagem poderia levar meses. Confinados, mal alimentados, com pouca água, ventilação deficiente, calor, sem exercícios, quase imóveis, muitos adoeciam ou mesmo morriam.

Essa mão de obra escrava teve importância fundamental na formação econômica do Brasil; sem ela não teríamos tido o desenvolvimento da indústria açucareira, da mineração, do café e de outras atividades geradoras de riquezas, não só no período colonial como no império.

Essa mão de obra tinha seu preço, era valiosa e para muitos empresários da época os seus escravos constituíam importante parte de seu patrimônio. Vimos no inventário dos bens da finada Anna Joaquina, que eles representavam cerca de 20% da fortuna da família, sendo o item não financeiro mais representativo, valendo inclusive mais que o engenho, a fazenda e os imóveis.

Os escravos vieram para o Brasil em grandes quantidades, e tomando para exemplo o ano de 1823 (próximo ao do inventário), a população escrava alcançava quase 30% da população total do Brasil⁶.

Quanto à quantidade de escravos que foram importados da África, recorro a SIMONSEN (1937), que nos fornece os seguintes valores aproximados:

Século XVII	Açúcar	350.000 escravos
Século XVIII e XVIII		
	Açúcar	1.000.000 escravos
	Mineração	600.000 escravos

⁵ MATTOSO (2003), página 47.

⁶ MATTOSO (2003), página 64, tendo como fonte VIANA, Oliveira, *Resumo Histórico Inquéritos Censitários Realizados no Brasil*, nos informa que a população brasileira era de 3.960.866 habitantes sendo 2.813.351 livres e 1.147.515 escravos. Em Pernambuco eram 330.000 livres, 150.000 escravos num total de 480.000 habitantes, 31% de escravos.

Café	250.000 escravos
Outros misteres	1.100.000 escravos
TOTAL	3.300.000 escravos

Preço dos escravos

A formação do preço de um escravo é um assunto sobre o qual muito já se discutiu e escreveu.

Esse preço sempre oscilou muito, para cada época e local. Dependeu ele da oferta e demanda no local de origem, África, das ações dos monopólios desse comércio, da oferta e demanda no Brasil (para a agroindústria do açúcar, mineração, café, etc.), demanda de outros países, dos custos de transporte, dos preços alcançados pelos produtos que eram produzidos, etc., em suma, a formação desse preço é algo extremamente complexo.

Todavia, e ainda conforme SIMONSEN, podemos dizer:

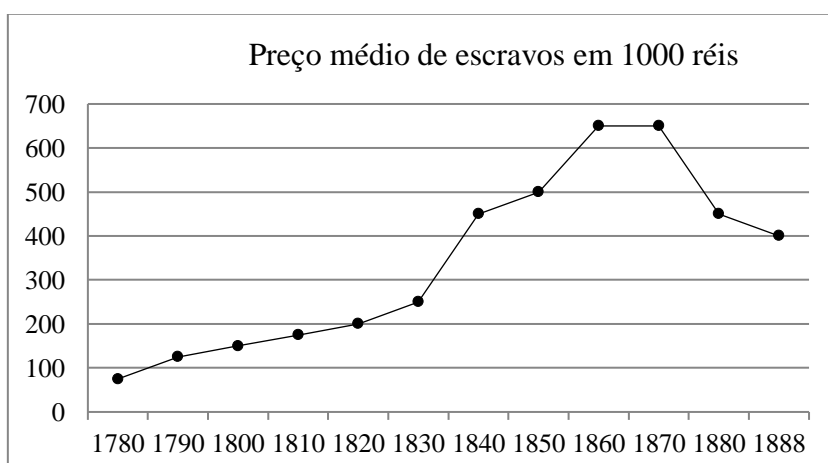
-O africano era um elemento caro.

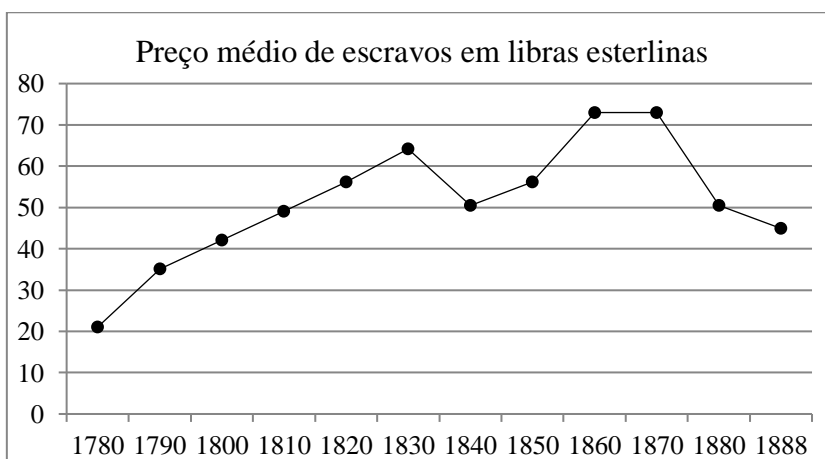
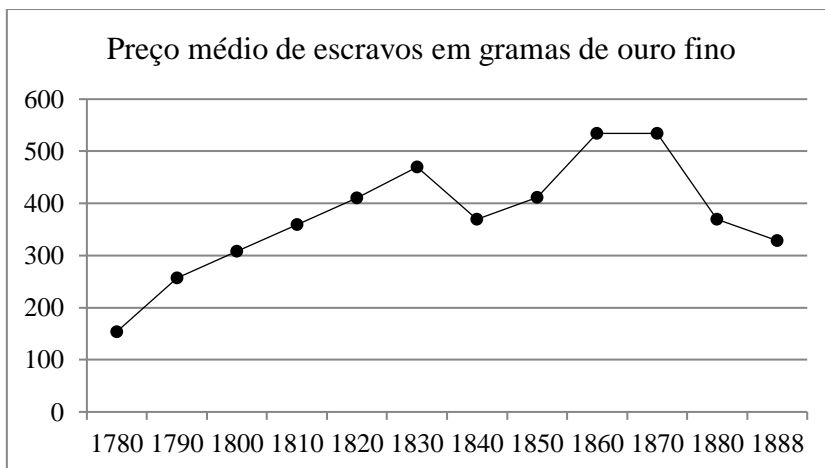
-Seu valor médio sempre oscilou entre vinte e trinta libras esterlinas, embora em algumas épocas chegou a valer perto de £100.

Vamos fazer umas contas:

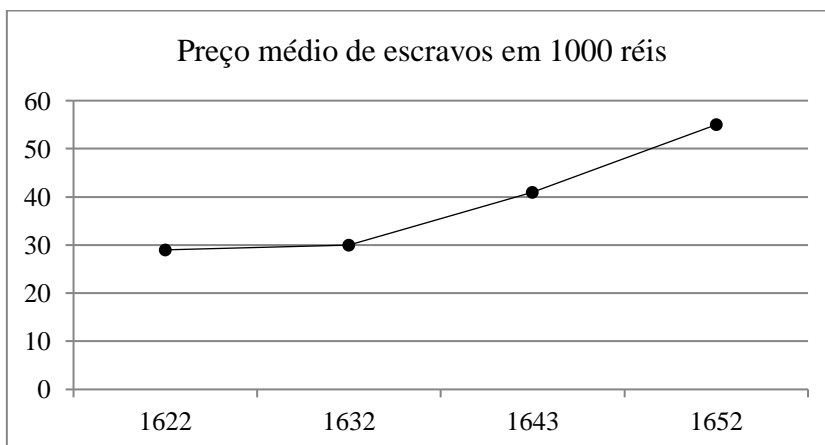
Uma libra de ouro pesa 7,99 gramas e tem 7,33 gramas de ouro fino; então, se o preço do escravo variou entre vinte e trinta libras, significa a dizer que ele oscilou entre 146,6 e 219,9 gramas de ouro, o que em dinheiro de hoje (13/12/2013) representa valores entre R\$ 13 600,00 e R\$ 20 400,00 , com o ouro a R\$ 92,77 a grama; que são valores elevados.

Entretanto, como já dissemos, esses valores eram muito variados e, com base nas tabelas encontradas em MATTOSO (2003) (página 95), podemos traçar os seguintes gráficos:





Os gráficos acima mostram valores do final dos séculos XVIII e XIX. Como foram esses valores no século anterior? Por simplicidade tomei apenas quatro anos:



OS ESCRAVOS DO INVENTÁRIO

Como vimos, a família possuía 251 escravos distribuídos em diversas atividades, no engenho, na fazenda, nas casas, etc.

O valor total dos escravos, conforme o inventário, era de 41:736\$000, com o preço médio de 166\$279 por escravo. Neste cálculo excluí as “crias” e os inválidos, que o inventário considera sem valor, porém mantive os deficientes. Adotando os critérios de Simonsen (1\$000 = 1,75 gramas de ouro) um escravo de preço médio 166\$279 equivale a 291 gramas de ouro, que a valores atuais (13/12/2013) do metal, representa R\$ 26.996,00.


Exponho abaixo alguns quadros na tentativa de encontrar as diferenças de valores entre escravos de atividades diferentes e entre homens e mulheres:

ESCRAVOS DO ENGENHO E FÁBRICA				
Excluídos inválidos (escravos sem valor) e crias				
	Total	Homens	Mulheres	Obs.
Número	98	61	34	1
Valor total	16:570\$000	11:790\$000	4:780\$000	2
Preço médio	169\$082	184\$218	140:588	3
Observações:				
1: Inclui 1 deficiente (Manoel cego) valor 80\$000.				
2: Inclui uma doente (Josefa dos pés inchados) valor 80\$000.				
3: O preço do escravo masculino é 31 % maior do que a escrava.				

ESCRAVOS DA FAZENDA DE CASSATUBA (OU CASSARATUBA)				
Excluídas as seguintes crianças: Marcella, de 3 anos, 40\$000; Maria, de 1 ano e meio, 16\$000; João, de 1 ano e meio, 25\$000; Antonio, de 3 meses, 15\$000; Florência, de 8 meses, 16\$000.				
	Total	Homens	Mulheres	Obs.
Número	15	10	5	
Valor total	2:430\$000	1:660\$000	770\$000	
Preço médio	162\$000	166\$000	154\$000	1
Observações:				
1: O valor do escravo homem era 8% maior que a escrava mulher, em média.				
2: Uma constatação interessante é que a fazenda valia 1:100\$000, enquanto os escravos que nela trabalhavam valiam 2:430\$000. Ressalta-se aí o grande valor e a importância dos escravos.				

A fazenda de Cassatuba e seus escravos, inventário e avaliação:

Inventário de 25 de Junho 1829
A 69



Attestamos das terras da fazenda de Cassatuba seus direitos
e Praxeos de Fazenda de terra no lugar de Salgado de Cassatuba que
fazem no paracho Cassatuba comarca de Iguaçu de São Paulo 200000
e Praxeos de terra da outra parte do paracho Cassatuba
de parte do Marto confinadas em os heros e praxeos de
demarcar não se dá o que he ~~~~~ 300000

Escravos

Rafael Cabalar	200000
Antônio de Costa	100000
João Diogo	200000
Gregório	200000
João Bantundo	160000
João Longo	140000
Antônio Congo	200000
João Cambuque	160000
Antônio Tubarao	150000
Antônio Canatuba	150000
Servanna	160000
Maria Cambundango	160000
Mariabengo	150000
Francisca Congo	150000
Brulla de S. Amos	40000
Maria de S. J. n.	16000
João de S. J. n.	25000
Antônio de S. J. n.	15000
Florencia de S. J. n.	16000
Maria Novo	150000
	<u>2500000</u>
	<u>3000000</u>

OURO

A família possuía grande quantidade de joias e objetos de ouro, e joias com diamantes e brilhantes, num valor total de 3:423\$030.

Uma vez que não há nenhuma indicação de peso ou quantidade dos diamantes e brilhantes, não temos como fazer nenhuma inferência sobre seus valores. Quanto ao ouro, podemos deduzir que o avaliador utilizou os seguintes parâmetros:

1 oitava (3,5859 gramas) = 1\$400

1 grão (0,0498 gramas) = 0\$019,44 (19,44 réis)

Aparentemente não se valorizava o “feito” da joia, exatamente como hoje em dia. A joia só tem valor ao ser comprada, daí em diante, ela vale praticamente o valor do ouro.

PRATA

O inventário do espólio apresenta uma grande quantidade de objetos de prata, com o valor total de 1:368\$199.

A prata foi avaliada à razão de 5\$600 por marco de prata. Esclarecemos aqui que o marco era a unidade usada na época para a pesagem de prata.

Assim, deduzimos que o peso total dos objetos era de 244,32 marcos, ou seja, 56 quilogramas de prata⁷.

Ao longo dos tempos a relação entre o preço do ouro e da prata tem variado. À luz dos valores adotados nas avaliações do inventário, temos a seguinte proporção:

1 kg de ouro = 390\$418

1 kg de prata = 24\$401

Relação entre preço do ouro e preço da prata = 16

Apenas para comparação, esta relação hoje em dia (fevereiro de 2012) situa-se na faixa de ⁸ 52.

Transcrevo a seguir uma das folhas do inventário que trata de brilhantes (relação e avaliação dos brilhantes e diamantes em Lisboa)

⁷ 1 marco de prata = 0,2294976 kg. Ver a tabela do Anexo 1, ao final.

⁸ Base: Informativo Bons Investimentos de 20 de fevereiro de 2012.

Ouro no Comex = 1736,40 US\$ / onça (31,1035 g)

Prata no Comex = 33,56 US\$ / onça

Relação preço do ouro / preço da prata = 51,74

Relação das peças
que hão em m. casa,

de Brilhantes e Diamantes
tudo em Inventaris

Num Dado de Brilhantes	R\$. 500000
Numa Tor de Brilhantes	500000
Num par de Brincos de Brilhantes	240000
Seis quadros de hum pulcra d ^{tas}	400000
Num Anel g ^{do}	900000
Num Espada de diamantes tozas	240000
Num Anete de seis de diamantes tozas	500000
Num d ^{to} de Brilhantes	350000
Maio hum Anel de Brilhantes	200000
Seis Anéis de diamantes tozas	240000
Numa Feitinha hum coração de diam ^{tas} tozas	200000
Num pouco de ouro oitão	1120000
Num retrato com diam ^{tas} tozas	300000
	<u>2222000</u>

Jam^o Barbosa d^o Brito
Como proc.^o de hum Lombado
Bernardo e Ant.^o de e Riv.^o
Francisco José de e Miranda
Francisco Xavier de Miranda

DIAMANTES E BRILHANTES

Como se vê no inventário, a família possuía uma grande quantidade de joias ornadas com diamantes e brilhantes. O inventário é omissivo quanto ao tipo, peso, forma de lapidação e valor dessas pedras; não nos fornece nem mesmo uma base ou critério de avaliação.

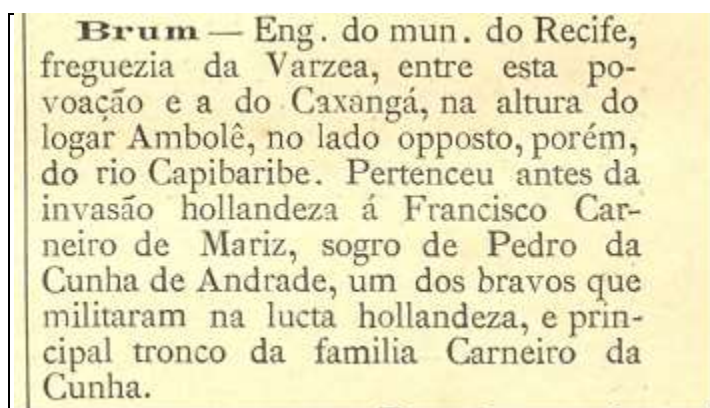
Todavia, apenas a título ilustrativo, coloco em anexo a tabela de preços estabelecida no Alvará de 13 de maio de 1803 (Anexo 3), do Príncipe Regente Dom João. Considere-se

que essa tabela é para venda de diamantes (pedras não lapidadas) brutos, recém descobertos, e por conseguinte de valor muito inferior a uma pedra lapidada ou pelo menos polida que compõe artisticamente uma joia.

Nessa tabela o preço de um diamante de tamanho médio de 1 quilate (a pedra bruta) é de 8\$200. Podemos observar que a tabela nos diz claramente que o valor de uma pedra aumenta significativamente em função de seu tamanho.

O ENGENHO BRUM

Abaixo anexo um recorte do Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco, de Sebastião de Vasconcelos Galvão (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908. v. 1, p. 125), gentilmente enviado pela professora Lúcia Gaspar, bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco, de Pernambuco, que mostra a antiga origem do Engenho Brum.



Contei com grande auxílio de historiadores de Recife, como Reinaldo José Carneiro Leão, George Cabral de Souza, Fábio Arruda Lima e Francisco Cunha, que me forneceram preciosas informações quanto à trajetória da propriedade do Engenho Brum, e a genealogia dos familiares dos proprietários.

Os proprietários foram:

1º Bezerra Monteiro (fundador do engenho; circa 1667)

2º Sebastiana de Carvalho (sobrinha e herdeira de Miguel Bezerra), casada com Manoel Carneiro da Cunha.

3º Manoel Carneiro da Cunha (filho e herdeiro do casal acima).

4º Maria de Jesus Carneiro da Cunha (filha e herdeira do casal acima), que casou com José Pedro dos Reis.

5º) Ana Maria de Jesus Carneiro da Cunha (filha e herdeira do casal acima) que casou com Constantino Vaz Salgado.

.....

1º a) Anna Joaquina Carneiro da Cunha de Miranda (falecida em 1826), casada com Joaquim José de Miranda.

2º a) Bernardo Antonio de Miranda, casado com Marta Júlia de Miranda (filho e herdeiro do casal acima). (Bernardo faleceu em 1882)

.....

1º b) João de Medeiros Rego Peretti (casado com Maria Ardaschnikoff Jorgensen de Medeiros Peretti).

A seguir a página do inventário onde aparece a descrição e avaliação do engenho.

Brilhantes em Lisboa

Importe de varias obras de Brilhantes conforme a relação ... *N.º* 2:2229000

Asyrios e Louca em Lx

Idem... e.o. consta da relação ... *N.º* 4359400

Bens de Saus em Serri^{co}

Cinquenta denominados *Arum* cts na Freguesia da Farge termo da Cid. de Olanda em Serri abrangendo todas as suas terras partidas, Matos e cercados conforme a ultima Demarcação feita; Caza de Divenda e de Sarmha cara de Esig e de Calveira cara de Sargar Maria e Saus Sarga e todos os pertences Cerralla e sua Caza de Seta e Cal dentro do cercado denominado *Dobheiro*; mais tres de tacha rios bordados occupadas pelas os *Ladadores* sus carros quatro centos fomas e outros tantos furos, moenda corrente com humo Tambor de Sobrecellente, e no acantamento a Calveira de cobre quatro Saus de ferro quatro pequenas de Cobre dois furos de Cobre e os mais necessarios humo grande Calveira de ferro de Sobrecellente quatro Saus de Cobre e sua moenda e dez argoletas arredondo tudo conforme a relação ... *N.º* 22:0009000

Humo fazenda de plantar algodão com 600 braças de terra nobilitas denominadas *Caparatuba* Esmaesca de Olanda avaliada como da relação ... *N.º* 2:5009000

Humo prédio de casas de tres andares na Rua do Trápeze avaliada judicialmente como do Escumento ... *N.º* 5:0009000

Humo dita de tres andares na Rua das Bruias, Bairro do Recife, 5:5009000

Humo dita de dois andares na Rua do Lorramento ... Idem, 5:0009000

Humo dita de dois andares e Solão na Rua do Asario ... Idem, 4:8009000

Humo dita de hum andar no largo do Lorramento ... Idem, 2:4009000

Humo dita de hum andar e quintal na Rua da Praia ... Idem, 2:0009000

Humo dita Terrea com quintal na Rua de S.º Sordiano - Idem, 4009000

Humo pedaço de terra com cara de tuiha no bitão de Lavanga Id., 4509000

51:5299029

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Theófilo de. *Genealogia Pernambucana*. In Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Recife: Inst. A. H. G. Pernambucano, 1933.

Alvará com força de lei de 13 de maio de 1803, no qual o Príncipe Regente Dom João determina várias providências para melhorar e regular a organização e administração das minas de ouro e diamantes, dentre as quais menciono: proíbe a circulação de ouro em pó. Determina ainda a criação Junta de Administração de Mineração e Moedagem, transfere para Minas a casa da moeda do Rio de Janeiro e para Goiás a casa da moeda da cidade da Bahia.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *O Trabalho na América Latina Colonial*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FERLINI, Vera Lucia Amaral. *A Civilização do Açúcar (séculos XVI a XVIII)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

FERLINI, Vera Lucia Amaral. *Terra, Trabalho e Poder*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

FERNANDES, Hamilton. *Açúcar e Alcool, Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Instituto do Açúcar e do Alcool, do Ministério da Indústria e Comércio, 1971.

FERREIRA, Olavo Leonel. *História do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1978.

FURTADO, Júnia Ferreira. *A Morte como Testemunha da Vida*. In PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tânia Regina. *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

GALVÃO, Miguel Arcaño. *Relação dos Cidadãos que Tomaram Parte no Governo do Brasil no Período de Março de 1808 a 15 de Novembro de 1889*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1969.

GONÇALVES, Cleber Baptista. *Casa da Moeda do Brasil - 290 de História 1694 – 1984*. Rio de Janeiro: Casa da Moeda, 1984.

GUERRA, Flávio. *Decadência de uma Fidalguia Açucareira*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1981.

GUERRA, Flávio. *Idos do Velho Açúcar*. Recife: Coleção Concórdia, 1966.

INTERNET Arquivo Municipal de Lisboa <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/default.asp?s=12124>

Jornal O GLOBO, de 15 de dezembro de 2013.

KRAUSE, Chester L. e MISHLER, Clifford. *Standard Catalog of World Coins*. Iola, Wisconsin: Krause Publications, 1982.

MATTOSO, Kátia de Queiroz. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

MOYA, Salvador de. *Índice do livro Nobiliarquia Pernambucana*, de FONSECA, Antônio Vitorino Borges da. In *Índices Genealógicos Brasileiros*, número 2. Sem local: 1943.

PORTO SEGURO, Visconde de. *História Geral do Brazil*. Rio de Janeiro: E & H Laemmert, sem data, segunda edição.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

PROBER, Kurt. *Manual de Numismática*. Rio de Janeiro: Leuzinger S. A. , 1944.

SCHUARTZ, Stuart B. *Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SIMONSEN, Roberto C.. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

TAPAJÓS, Vicente. *História do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958.

ANEXO 1

Tabela de conversão de pesos.

Tabela de conversão do marco português e seus submúltiplos							
Grão	Quilate (1)	Escrópulos (1)	Oitavas	Onças (2)	Marcos	Arratel ou libra	Gramas por unidade
9216	2304	384	128	16	2	1	458,996
4608	1152	192	64	8	1		229,498
576	144	24	8	1			28,6873
72	18	3	1				3,5859
24	6	1					1,1953
4	1						0,1992
1							0,0498
1 arroba = 32 arratéis = 14,688 kg 1 quintal = 4 arrobas = 58,752 kg							
(1) Unidades usadas apenas para brilhantes e diamantes							
(2) Não confundir com a onça-troy que foi usada na Europa e é usada até hoje e que vale 31,1035 g							
Informações colhidas em PROBER, Kurt. (1944) (página 82)							

ANEXO 2

Planilha básica para a construção dos gráficos de preços de escravos.

Planilha básica para a construção dos gráficos de preços de escravos					
Valores aproximados. A intenção é conseguir uma ordem de grandeza. Base da conversão: ouro amoadado.					
Ano	Preço médio dos escravos em réis (1)	Moeda e seu peso de ouro fino (2)	Valor médio dos escravos em gramas de ouro	Preço em libras. Base: 1 £ = 7,32g de ouro fino	Fator de conversão libras por mil réis
1780	75\$000	Peça de 6\$400 13,15g de ouro fino	154,10	21,05	3,56
1790	125\$000		256,84	35,09	3,56
1800	150\$000		308,20	42,1	3,56
1810	175\$000		359,57	49,12	3,56
1820	200\$000		410,94	56,13	3,56
1830	250\$000	4\$000 7,52g de ouro fino	470,00	64,21	3,89
1840	450\$000	10\$000 8,22g de ouro fino	369,90	50,53	8,91
1850	500\$000		411,00	56,15	8,91
1860	650\$000		534,30	72,99	8,91
1870	650\$000		534,30	72,99	8,91
1880	450\$000		369,90	50,53	8,91
1888	400\$000		328,80	44,92	8,91
(1) Preço de escravos na Bahia; fonte: inventários de heranças, AEB, seção judiciária, in MATTOSO (2003), pg 95.					
(2) Fonte KRAUSE (1982)					

ANEXO 3

Tarifa por que Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor he servido pagar os diamantes estrahidosin Alvará com força de lei de 13 de maio de 1803, no qual o Príncipe Regente Dom João determina várias providências para melhorar e regular a organização e administração das minas de ouro e diamantes, proíbe a circulação de ouro em pó. Determina ainda a criação Junta de Administração de Mineração e Moedagem, transfere para Minas a casa da moeda do Rio de Janeiro e para Goiás a casa da moeda da cidade da Bahia.

T A R I F A,
P O R Q U E
S U A A L T E Z A R E A L
O P R I N C I P E R E G E N T E N O S S O S E N H O R

HE SERVIDO MANDAR PAGAR OS DIAMANTES EXTRAHIDOS, EM CONFORMIDADE DO ALVARA DE 13 DE MAIO DE 1803, DIVIDIDOS, E SORTEADOS OS DIAMANTES EM QUATRO LOTES, COMO HE COSTUME:
 PAGAR-SE-HÃO PELOS PREÇOS SEGUINTEs.

O IV. Lote	10. Qualid. de 16 a 25 em Quilate a	31,000 rs. por Oitava, ou a	1,000 rs. por Quilate.
	9. dita de 9 a 15 dito . . . a	41,000 rs. dito	2,400 rs. dito
	8. dita de 7 a 8 dito . . . a	65,000 rs. dito	3,800 rs. dito
	7. dita de 5 a 6 dito . . . a	96,000 rs. dito	5,600 rs. dito
O III. Lot.	6. dita de 4 a 5 dito . . . a	110,000 rs. dito	6,400 rs. dito
	5. dita de 1 a 2 Grãos . . . a	120,000 rs. dito	7,000 rs. dito
	4. dita de 2 a 3 ditos . . . a	130,000 rs. dito	7,600 rs. dito
O II. Lote	3. dita de 4 a 6 ditos . . . a	140,000 rs. dito	8,200 rs. dito
	2. dita de 2 a 3 Quilates . . a	155,000 rs. dito	9,300 rs. dito
O I. Lote	1. dita de 3 a 5 ditos . . . a	174,000 rs. dito	9,900 rs. dito preço de cada Pedra.
	de 6 a 7 ditos	10,350 rs. dito . . . 68,250 rs.
	de 8 a 9 ditos	14,000 rs. dito . . . 119,000 rs.
	de 10 a 11 ditos	18,000 rs. dito . . . 194,250 rs.
	12 ditos	22,000 rs. dito . . . 264,000 rs.
	13 ditos	27,000 rs. dito . . . 351,000 rs.
	14 ditos	29,000 rs. dito . . . 406,000 rs.
	15 ditos	32,000 rs. dito . . . 450,000 rs.
	16 ditos	35,000 rs. dito . . . 500,000 rs.
	17 ditos	40,000 rs. dito . . . 608,000 rs.
	18 ditos	45,000 rs. dito . . . 810,000 rs.
	19 ditos	50,000 rs. dito . . . 950,000 rs.
	20 ditos	55,000 rs. dito . . . 1,100,000 rs.
	21 ditos	57,000 rs. dito . . . 1,197,000 rs.
	22 ditos	61,000 rs. dito . . . 1,342,000 rs.
	23 ditos	65,000 rs. dito . . . 1,495,000 rs.
	24 ditos	70,000 rs. dito . . . 1,680,000 rs.
	25 ditos	72,000 rs. dito . . . 1,800,000 rs.
	26 ditos	78,000 rs. dito . . . 2,028,000 rs.
	27 ditos	86,000 rs. dito . . . 2,322,000 rs.
	28 ditos	92,000 rs. dito . . . 2,576,000 rs.
	29 ditos	100,000 rs. dito . . . 2,900,000 rs.
	30 ditos	110,000 rs. dito . . . 3,300,000 rs.

Palacio de Queluz em treze de Maio de mil oitocentos e trez.

D. Rodrigo de Sousa Coutinho.